

:: janeiro/ junho - Ano IV, nº 1, 2008. ISSN 1980- 4490

Na imagem do passado, a nostalgia do presente

memória, lazer e sociabilidade na Praça da Lira

*Marcelo da Silva Araújo**

“Neves está em festa, teve a sua pracinha de volta. Este momento de alegria dá, aos moradores do bairro e aos gonçalenses [em geral], uma esperança em dias melhores, e a certeza de que os nossos impostos são usados corretamente”.¹

Resumo

A partir da imagem digitalizada de uma fotografia da Praça da Lira, no bairro de Neves na década de 1960, o texto tece reflexões acerca de alguns aspectos desta, relacionando interpretações do que significaram o bairro e a Praça, revivendo, sob um determinado prisma, os seus itinerários na história do município. A importância deste espaço comunitário para a vivência física e afetiva de seus usufruidores propõe que o mesmo seja entendido como espaço que congrega a existência não somente de um aparato urbano de

* Mestre em Artes Visuais, professor de História da Rede Municipal do Rio de Janeiro e de Sociologia da Rede Municipal de Maricá.

¹ Extraído do artigo “A pracinha de Neves”, autor não mencionado, jornal *O São Gonçalo*, 23/09/1984.

caráter e de usos sociais, mas também uma dimensão lúdica, afetiva e definidora de identidade aos mesmos.

Palavras-chave: *Fotografia e História; Praça da Lira; sociabilidade.*

Abstract

From the scanned image of a photograph of the Lira's Square in the neighborhood of Neves in the 1960s, the text reflect about some aspects of this, listing meant that interpretations of the neighborhood and square, reliving, in a certain angle, the their routes in the history of the city. The importance of this space community to physical and emotional experience of his users proposes that it be understood as an area which embraces not only the existence of a urban apparatus in character and social uses, but also a playful dimension, affective and defining an identity to them.

Key words: *Photography and history; Lira's Square; sociability.*

As palavras acima têm uma particularidade sensibilizadora pois denotam uma preocupação bastante enraizada no cotidiano dos moradores de qualquer comunidade quanto aos seus aparelhos de lazer e de entretenimento. Esta particularidade se manifesta especialmente com as praças, representantes da identidade do bairro e espaços de referência urbana da aplicação eficiente dos recursos públicos.

Partindo dessa constatação, podemos nos questionar: quais seriam as características básicas que podemos captar na imagem fotográfica de uma praça? Sim, qualquer praça: tanto as do início da segunda metade do século XX (como esta) quanto algumas das mais modernas de nossas cidades atuais. Certamente, poderíamos mencionar suas dezenas de características mais gerais tais como o coreto, os brinquedos infantis, o cenário dos encontros de namorados, entre outros... Mas, sem dúvida, nada

é tão marcante em seu espaço quanto o binômio, caro ao campo da História, mudança/permanência.

O ambiente das praças de bairro, como espaço praticado que são, nos remete quase automaticamente à sua dimensão nostálgica. Nesse sentido, a busca ávida por traços distintivos de uma época, idílica, sempre se nos apresenta pulsante ao encararmos uma imagem já recuada no tempo. O desenvolvimento urbano salta aos olhos. As permanências e mudanças que nos revela a fotografia remetem à associação - comparativa - de sua arquitetura passada e presente e de suas vias públicas hoje não tão impressionantes.

Este texto é fruto do desejo de refletir sobre o papel de um essencial espaço comunitário de vivência física e afetiva de seus usufruidores. Trata-se pois de um olhar sobre um espaço que, como veremos, congrega em sua existência não somente um aparato urbano de caráter e de usos sociais, mas também uma dimensão lúdica e definidora de identidade aos mesmos.

A menos que esteja equivocado, parece-me afigurar-se como de estimada importância para uma publicação sediada numa instituição fundamentalmente devotada à formação de educadores que um dos assuntos em apreço seja uma abordagem, ou melhor, um exercício de aproximação com o percurso histórico de um espaço de sociabilidade deste município que a muitos abriga, tanto aos seus filhos naturais (caso deste autor) quanto àqueles que de alguma forma o experimentam, sejam educando-se ou mesmo ganhando a vida.

Nesse ponto, torna-se apropriado localizar o interesse pela escrita deste tema. Tendo sido estudante na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, envolvi-me, no biênio 2002-2003, no projeto *Explorando a Iconografia Gonçalense*, criado e encorpado

pela parceria entre o Departamento de Ciências Humanas (DCH) e o Departamento de Educação (DEDU) da instituição.

No decorrer daquele primeiro ano, sob a orientação da saudosa professora Haydée Figueiredo, do Departamento de Educação, a equipe do projeto - ramificação da linha de pesquisa "História de São Gonçalo: Memória e Identidade" -, elegeu como foco temático as praças do município e aventou a possibilidade de escrever pequenos textos sobre elas, com o objetivo de historiá-las. Apesar da declarada pretensão sintetizadora, e, portanto, bem limitada no que se refere à profundidade deste enfoque, o intento não logrou êxito. Deste modo, considerando que o projeto lidava com as fotografias de um extenso acervo sobre a cidade, incluindo-se aí alguns registros sobre as praças, propusemo-nos a efetuar este trabalho. Assim, pretendo resgatar aqui aquela idéia inicial.

Em outras palavras, a partir da fotografia de um certo ângulo da Praça da Lira na década de 1960, este texto tece comentários acerca de alguns aspectos seus, relacionando informações do que significaram o bairro e a Praça, revivendo, sob um determinado prisma, os seus itinerários na história do município. Este percurso, lago de histórias locais, figurou e ainda figura como ambiente de encontros entre variados atores sociais. Estes, em suas fruições cotidianas, constroem os sentidos a partir das práticas do lugar, para bem lembrar um conceito de CERTEAU (1994), em suas atitudes e posturas coletivas.

1. Passeando pelo bairro: Neves e seu passado de glória

Na atual função capitalista, como *locus* da urbe, os caminhos seguem uma lógica baseada no trânsito funcional das mercadorias e das pessoas, otimizando as possibilidades que o planejamento urbano oferece. Qualquer cidade no atual cenário contemporâneo tem a velocidade como característica

mais emergente; suas qualidades ou defeitos muitas vezes são medidos pela rapidez com que pode assimilar ou rechaçar o que se encaixa instrumentalmente em sua construção, em seu desempenho urbano.

Neste caso, a variável *tempo* congrega-se à variável *espaço*: são mais do que medidas abstratas, são parâmetros de possibilidades com as quais se trabalha, isto é, a máxima "tempo é dinheiro" significa mais do que um simples jargão: ela é, outrossim, palavra de ordem do sistema financeiro. E este, por sua vez, condiciona, entre outras coisas, a maneira como se vai lidar com seus monumentos urbanos na relação conservação-preservação-destruição físicas.

Este é o ponto de maior importância quanto ao enfoque dos monumentos urbanos (especialmente as praças) como espaços de celebração, passíveis de mudanças e de permanências e como singulares espaços de sociabilidade e convivência comunitária. As praças de bairro fazem parte da memória e da história dos moradores da localidade em que se encontram. Este, o bairro, pode ser entendido e assumido como algo que se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével, na medida em que é a configuração primeira, o "arquetipo de todo o processo de apropriação do espaço, como o lugar da vida cotidiana pública". O bairro é o lugar de uma aprendizagem social decisiva que, da mesma forma que a vida familiar, escolar ou profissional, introduz, de maneira particularmente poderosa, a aprendizagem da vida cotidiana. Nesse sentido, as praças de bairro são espaços de sociabilidade e de celebração (MAFFESOLI, 1994) de determinadas festividades cujo significado e função são aproximar e promover a comunhão das pessoas em torno de traços e características comuns à sua vivência. Pequenas ilhas de descontração coletiva encravadas no ritmo frenético da cidade, estes espaços surgem como locais privilegiados

do encontro social, além de fixarem-se como pontos por excelência da memória acerca dos acontecimentos históricos...

Mas vamos à história!

Data do final da década de 1910 em São Gonçalo, cuja região amplamente rural fora outrora grande exportadora de laranjas e de abacaxi para a Europa, os inícios de um processo de organização do espaço urbano. O crescimento econômico vivenciado pela cidade com a chegada de indústrias de grande porte, nas décadas de 1920 e 1930, torna-se um impulso para motivar a concretização de medidas de cunho urbanístico. Soma-se a isso, a forte pressão exercida pela imprensa na cobrança de um comprometimento frente a esta urbanização por parte da prefeitura, além de exigir-lhe uma postura efetiva em relação à prestação de serviços essenciais ao desenvolvimento do município.

Verifica-se que a década de 1910 também é significativa para a história local do bairro de Neves, pela sua centralidade em vários aspectos. Neste período da história gonçalense é criado o *Distrito de Neves*, o quarto distrito do município, tendo como benefício seu desmembramento do Primeiro Distrito e uma relativa autonomia. Deste modo, sua área total passou a perfazer o perímetro de 14 km² ou 1.300 hectares.

De passagem, podemos localizar nele a implementação de alguns dos primeiros melhoramentos públicos do município, tais como o aprimoramento do serviço de águas e esgotos. Estes foram efetuados em 1915 pela administração estadual de Nilo Peçanha e tornam possível a constatação de uma maior intensidade de movimentos nesse bairro, em detrimento de outros, inclusive da área sede do Município.

Neves era, à época, o bairro mais populoso e o que sofreu mais intervenções públicas, não somente no que diz respeito aos serviços acima mencionados,

mas também ao tratamento das vias públicas, à instalação de energia elétrica, aos transportes, à instalação de linhas telefônicas e à constituição de uma rede escolar. Decididamente, o processo de industrialização no município tinha, no Bairro de Neves, um pólo industrial e de concentração operária. Uma nota exemplificadora deste cenário é o fato de bastar a lembrança de que, em 1919, a Hime & Companhia, importante metalúrgica, inicia melhoramentos nas ruas próximas às suas instalações, tendo por objetivo, obviamente, otimizar seu investimento. Assim, a Companhia também realiza obras no cais de Neves, importante via de ligação com a Capital Federal, o Rio de Janeiro. Tais melhoramentos eram acompanhados pela Prefeitura, o que demonstra uma certa relação do poder público com a via privada na realização de algumas obras públicas.

Sendo assim, o bairro foi, durante as primeiras décadas do século XX, o mais importante centro de produção industrial de São Gonçalo, aparecendo como o responsável direto pela denominação de "Manchester Fluminense" ao município, em reconhecimento pela importância deste na economia estadual e nacional. Contudo, logo após a 2ª Guerra Mundial, esta fama começa a dissipar-se. Mesmo assim, São Gonçalo sustentava disparado o 1º lugar em produção industrial no antigo estado do Rio de Janeiro, graças às indústrias de Neves.

Abrigando por durante longo período de tempo algumas das principais atrações culturais e de entretenimento da cidade - como a existência de 3 cinemas (o Cinema Neves, o Santa Helena e o Vitória), das corridas de cavalo no Jockey Clube, do ponto de partida da 1ª Corrida Automobilística do Brasil, da maior feira do estado do Rio de Janeiro (hoje são as de São Cristóvão e de Duque de Caxias as maiores), entre outras realizações -, o bairro, considerado no passado como o "cartão de visita para quem chega à

São Gonçalo”, encontra-se atualmente decadente, se comparado aos idos de grandiosidade.²

Com uma acentuada perda de *status* de local polarizador, o bairro vive hoje quase simplesmente da agradável memória de seus tempos áureos.³ De principal centro urbano do município, o distrito passou a partilhar igual importância econômica com outras tantas regiões de São Gonçalo, havendo mesmo opiniões cáusticas e alarmistas quanto à sua situação atual, onde se declara que o “bairro continua estagnado sem o mínimo necessário à sobrevivência humana”.⁴

É interessante perceber como a persistência da memória dos “bons tempos” do bairro fixa determinadas orientações que remetem, como afirma LE GOFF (1997), à noção de identidade, tanto individual quanto coletiva.

Num breve passeio por duas importantes concepções que permeiam esta discussão, temos que estas categorias da memória são essenciais na construção da noção de cidadania e de pertencimento a um local. No que tange à memória individual, REZNIK e GONÇALVES (2003:84) chamam a atenção para o funcionamento desta dimensão do ser humano, que é ativada principalmente nas situações em que mudanças (ou mesmo permanências) apresentam-se como dados extras no repertório de construção do espaço

² Nesse sentido, é curioso ter ouvido com alguma frequência, em observações de pesquisa, pessoas dizerem, ao se referirem à atual condição do bairro, que “no comércio [atualmente] só cresceu mesmo o número de bares”, sendo motivo de “chacota” dos demais gonçalenses que dizem ser Neves uma “ilha cercada de pau d’água por todos os lados”, reforçando o fato da existência de uma grande quantidade de degustadores de cachaça.

³ Como neste relato publicado n’O *São Gonçalo*, 22/09/84: “...área abençoada... na década de 50 [do século XX] quando era um privilégio morar em São Gonçalo, tínhamos ali em Neves várias opções de lazer (...) Hoje, vivemos do passado, sempre com esperanças em dias melhores...”

⁴ *Idem*.

vivido. Para esses autores, a memória individual “funciona tal qual a historiografia”, ou seja, está sempre sendo reescrita, por novas lembranças, novos esquecimentos, novas ênfases.

Já a memória coletiva, na substantiva colocação de LE GOFF (*idem*:46) de que a memória é “um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”⁵ (grifo no original), erige-se como uma das grandes questões em termos de uma política de manutenção e de conservação do patrimônio público, formador de uma coletividade.

Em estrita associação com todo este movimento da memória nos tempos modernos está a fotografia, importante suporte na/para a construção tanto desta memória quanto de seus desdobramentos práticos (a identidade, o pertencimento, a familiaridade com o espaço, etc). As imagens fotográficas de vários ambientes do bairro de Neves, notadamente as praças, constituem uma fonte de aproximação visual com o seu passado histórico. Constituem-se ainda como um *documento* (LE GOFF, 1997; MAUAD, 1996; MIGUEL, 1993; KOSSOY, 1989) de essencial importância no resgate deste passado. Assim, a fotografia se prestaria, como afirma SILVA (2002:9) “à construção de uma memória social acessível ao rememorar dos outros”.

⁵ O autor (*idem*:23ss.) afirma ainda que “...a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações pode determinar perturbações graves da identidade coletiva” porque a memória coletiva faz, sem dúvida, parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades “em vias de desenvolvimento”, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todos pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

2. Praça da Lira: imagem do lazer, materialização da sociabilidade



Praça da Lira.
Autor desconhecido.
Década de 1960 - Acervo
MEMOR (Instituto
Gonçalense de Memória).

Localizada entre as ruas Oliveira Botelho (frente), Coronel Ernesto Ribeiro (lado) e Maurício de Abreu (fundo), a Praça da Lira disponibilizou, por durante muito tempo, um espaço de entretenimento e de sociabilidade para a comunidade local, bem como para os moradores dos bairros vizinhos, visto ser um ambiente familiar e de tranqüila convivência entre os diversos e variados tipos humanos da cidade.

Sua inauguração, em 19 de setembro de 1960, sob a gestão do prefeito Geremias de Mattos Fontes (1959 a 1963), foi um fato marcante no município. Era um domingo, às 18h, e uma grande quantidade de pessoas reuniu-se na praça para participar do momento histórico e solene de sua inauguração oficial.

O registro desse momento, sempre vivo e pulsante na lembrança de muitos dos atuais moradores do bairro, já lá estabelecidos à época, pode ser resgatado ricamente a partir de seus depoimentos, pelo método da história oral ou por meio de outras abordagens de pesquisa. Nesse sentido, a imagem fotográfica, como outra forma de registro, nos possibilita uma leitura de uma de sua forma primeva como alternativa que se adiciona aos relatos orais sobre o tempo e o espaço em análise.

A fotografia da Praça da Lira nos remete a um tempo em que tais espaços populares, que, como afirmado, não se restringiam à comunidade local, ofereciam a sua própria estrutura física como atração. Tendo sido reivindicada pelos moradores, a praça possuía, em seus primórdios, canteiros de plantas que eram tratadas por eles próprios, tal era a “devoção” e o gosto em partilhar, como bem coletivo, um espaço onde conversar, passar os fins de tarde ou simplesmente aguardar a condução, ato de satisfação não tão ‘rápida’ como em nossos dias, era salutar e contagiante, como conta o “senhor Paulo”, morador de 62 anos, desde sempre estabelecido em Neves.⁶

Construída antes mesmo do asfaltamento da rua principal do bairro, a praça emprestou o seu formato ao bolo de inauguração deste, ainda na década de 1960. A praça tinha também, como deixa perceber a imagem, abrigo de ônibus e garantia a intensa circulação de pessoas em seu espaço físico.

⁶ O “senhor Paulo”, personagem real mas de nome fictício para resguardar o seu anonimato, é uma figura de referência no bairro quando se trata do recordar “oficial” da história local, sendo indicado pela quase unanimidade dos moradores consultados da localidade para fornecer informações acerca da praça. Tal posição se dá, inclusive, por ele ter desempenhado a função de Administrador Regional entre os anos de 1973 e 1977, na gestão do Prefeito Joaquim de Almeida Lavoura e pelo seu declarado empenho em manter a conservação e a beleza originais da praça.

Atesta-nos isto a fotografia que, nas palavras de LE GOFF (*idem*:39), “revoluciona a memória, multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.⁷ Nesta discussão, importa atentar para o ângulo escolhido para a produção da imagem, onde se forma um “corredor imagético”, tendo a sua frente um dos canteiros verdes da praça – que acessamos no plano da percepção ou da imaginação pois a imagem está em preto-e-branco.

A forma triangular deste canteiro pode sugerir a partição organizada do espaço, mostrando o zelo e o cuidado depositados na conservação do ambiente à época. Assim, essa perspectiva “monumentar” adota uma visualidade epigráfica, isto é, uma projeção do poder administrativo constituído em satisfazer os anseios populares como estratégia de boa manutenção da ordem urbana.

⁷ Vale ressaltar, entretanto, a afirmação de REZNIK e GONÇALVES (2003:82) que “a imagem fotográfica [apresenta-se] como construção das escolhas e das limitações do fotógrafo, as quais impõem escalas de observação e de registro dos mundos nos quais vivemos... A fotografia [coloca-se] como ‘re-apresentação do real’...”.

⁸ A título de curiosidade, permito-me, aqui, a transcrever um trecho publicado em um jornal local em 1984 e que se refere à década de 1950: “...o grande lazer para os jovens que queriam arranjar namorada, o Parquinho de Neves. Como eram diferentes os jovens daquela época. Havia muito respeito: o rapaz para tentar uma conquista tinha que mostrar humildade. O artifício mais usado era observar o traje da moça e imediatamente dirigir-se ao serviço de alto-falante do parque, pagar uma taxa e pedir ao locutor para transmitir a mensagem. [Este] a irradiava, dizendo: ‘Um rapaz de calça marrom e camisa branca oferece à moça de saia azul e blusa lilás *Balada Triste* (grifo meu), com Ângela Maria, como prova de muito amor e carinho’. Imediatamente, a menina com esta característica começava a procurar o autor da mensagem, quando os dois se encontravam era o início de um romance.”

Como inserção monumental no espaço, à Praça da Lira coube consumir o tempo livre da população, ao mesmo tempo usuária e recriadora de seus espaços sociais e de suas possibilidades criativas de aproveitamento comercial e afetivo (lembrando os vendedores ambulantes e os casais de namorados ou as paqueras habituais).⁸ Com a sua denominação supostamente atribuída a Euclides Martins, alcunhado de *Lira*, proprietário de extensas áreas de terra na região, a Lira também foi relacionada a um morro da localidade, o Morro do Martins, logo atrás da praça.

Não tendo, em toda a sua história, passado por uma restauração transformadora - as obras pelas quais passou a praça foram apenas de "remendo", a praça sempre teve a mesma extensão e abrigou as festividades anuais (Carnaval, Natal, Ano Novo, festas juninas, entre outras), sendo inclusive enfeitada costumeiramente com adereços referentes ao evento, como o tradicional pinheiro de Natal, que constituía a sua atração neste período.

A "Pracinha de Neves", que foi um dos orgulhos do povo gonçalense num período significativo da 2ª metade do século XX, já não mais proporciona o lazer de outrora. Jovens, adultos e crianças faziam dela seu ponto de encontro com parentes, amigos e namorados(as). Hoje a Praça da Lira encontra-se em estado lastimável, não somente pelo esquecimento do poder público mas pela ação não somente das intempéries como também pela falta de consciência popular, que faz do espaço público um domínio privado, agindo irresponsavelmente na depredação desse antigo recanto urbano.

3. Considerações finais: "saindo da praça"

Espaço de lazer, espaço de convivência e de sociabilidade, lugar praticado, cantinho romântico, todas essas classificações podem ser adequadas à praça, tanto genérica quanto particularmente. Espaço de convivência e de

(re)vivências, ambiente sadio e de compartilhamento de experiências, a Praça da Lira teve sua época áurea onde, de maneira ufanista, tinha-se orgulho de morar em São Gonçalo, em especial no bairro de Neves.

A dimensão lúdica e jovial do ambiente da praça remete, em regra, à infância como parâmetro de felicidade e de conforto. Quanto a isso, a fotografia oferece uma sensação nostálgica e, com ela, um bem-estar difícil de explicar. Produto de escolhas e materialização de intenções, a imagem fotográfica nos revela um mundo paralelo, que às vezes corrobora com a realidade e outras a contradiz, propondo uma outra medida para a razão e a emoção.

A imagem da praça tende a se confundir com a própria praça, mesmo que ela não mais esteja lá dessa maneira, viçosa e elegante, acolhendo os passantes, seus usuários, para um *relax* ao fim da tarde.

A fotografia ocupa um importante lugar nesse contexto. É um documento que dimensiona um passado, ofertando-nos possibilidades variadas de leitura, que dependem do olhar mas que, de um modo ou de outro, abre-nos um leque de fecundas opções na aproximação com os sentidos e com a produção de conhecimento sobre a realidade e o contexto histórico que nos cercam e nos envolvem. É isso a fotografia: a partir de sua fixidez plástica descortina-se um paradoxal canal aberto para o diálogo e o debate sobre as imagens do mundo.

Gostaria de terminar com a ponderação de que nesse e em inumeráveis outros exemplos, a utilização da imagem fotográfica como instrumento na pesquisa e no ensino de história desvenda um valioso lastro de análises e de percepções. As transformações (mudanças) e as manutenções (permanências) nos oferecem e nos permitem novas sensibilidades do olhar. Múltiplos olhares, múltiplas sensibilidades e múltiplas e penetrantes

histórias. Afinal, não existe uma só e mesma praça para duas singulares pessoas, não é mesmo?

NOTAS

* Mestre em Artes Visuais, professor de História da SME/RJ e de Sociologia da SEJE/Maricá.

¹ Extraído do artigo "A pracinha de Neves", autor não mencionado, jornal *O São Gonçalo*, 23/09/1984.

¹ Nesse sentido, é curioso ter ouvido com alguma freqüência, em observações de pesquisa, pessoas dizerem, ao se referirem à atual condição do bairro, que "no comércio [atualmente] só cresceu mesmo o número de bares", sendo motivo de "chacota" dos demais gonçalenses que dizem ser Neves uma "ilha cercada de pau d'água por todos os lados", reforçando o fato da existência de uma grande quantidade de degustadores de cachaça.

¹ Como neste relato publicado n' *O São Gonçalo*, 22/09/84: "...área abençoada... na década de 50 [do século XX] quando era um privilégio morar em São Gonçalo, tínhamos ali em Neves várias opções de lazer (...) Hoje, vivemos do passado, sempre com esperanças em dias melhores..."

¹ *Idem*.

¹ O autor (*idem*:23ss.) afirma ainda que "...a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações pode determinar perturbações graves da identidade coletiva" porque a memória coletiva faz, sem dúvida, parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades "em vias de desenvolvimento", das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todos pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

¹ O "senhor Paulo", personagem real mas de nome fictício para resguardar o seu anonimato, é uma figura de referência no bairro quando se trata do rememorar "oficial" da história local, sendo indicado pela quase unanimidade dos moradores consultados da localidade para fornecer informações acerca da praça. Tal posição se dá, inclusive, por ele ter desempenhado a função de Administrador Regional entre os anos de 1973 e 1977, na gestão do Prefeito Joaquim de Almeida Lavoura e pelo seu declarado empenho em manter a conservação e a beleza originais da praça.

¹ Vale ressaltar, entretanto, a afirmação de REZNIK e GONÇALVES (2003:82) que “a imagem fotográfica [apresenta-se] como construção das escolhas e das limitações do fotógrafo, as quais impõem escalas de observação e de registro dos mundos nos quais vivemos... A fotografia [coloca-se] como ‘re-apresentação do real’...”.

⁸ A título de curiosidade, permito-me, aqui, a transcrever um trecho publicado em um jornal local em 1984 e que se refere à década de 1950: “...o grande lazer para os jovens que queriam arranjar namorada, o Parquinho de Neves. Como eram diferentes os jovens daquela época. Havia muito respeito: o rapaz para tentar uma conquista tinha que mostrar humildade. O artifício mais usado era observar o traje da moça e imediatamente dirigir-se ao serviço de alto-falante do parque, pagar uma taxa e pedir ao locutor para transmitir a mensagem. [Este] a irradiava, dizendo: ‘Um rapaz de calça marrom e camisa branca oferece à moça de saia azul e blusa lilás *Balada Triste* (grifo meu), com Ângela Maria, como prova de muito amor e carinho’. Imediatamente, a menina com esta característica começava a procurar o autor da mensagem, quando os dois se encontravam era o início de um romance.”

Referências Bibliográficas:

A PRACINHA de Neves. *O São Gonçalo*, 22/09/1984.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Conrado Alves da. “O começo do progresso gonçalense está afundando”. *O São Gonçalo*, 25/10/1981.

FARIA, Aída de Souza. *Neves, seu esplendor e decadência*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2002, 185p. (Trabalho de Conclusão de Curso – especialização em História do Brasil).

FIGUEIREDO, Haydée da Graça; REZNIK, Luís e GONÇALVES, Márcia de Almeida (curadores). *Imagens de São Gonçalo: Fotografia e História*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. "Memória". *História/Memória*, vol. 1. Lisboa: Einaudi/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

MAFFESOLI, Michel. "O poder dos espaços de celebração". *Revista Tempo Brasileiro*, nº 116. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, jan./mar. 1994.

MAUAD, Ana Maria. "Tempo através da imagem: fotografia e história". *Interfaces*, vol. 1, nº 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. "A fotografia como documento: uma instigação à leitura". *Acervo*, vol. 6, nº 1 e 2. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, jan./dez. 1993.

REZNIK, Luís e GONÇALVES, Márcia de Almeida. "História e fotografia: uma pedagogia do olhar". *Interagir*, nº 3. Rio de Janeiro: EDUERJ, jan./jul. 2003.

SANT'ANNA, Nilson Liguori. "Neves: cidade fantasma no município de São Gonçalo". *O São Gonçalo*, p. 8, s.d.

SILVA, Henrique Mendonça. *A escolha imagética da vida de Luiz Palmier*. São Gonçalo: FFP/UERJ, 2002, 35p. (Trabalho de Conclusão de Curso – especialização em História do Brasil).